



***Marius Plotius Sacerdos, a patronagem e as evidências da autoria da “primeira”  
ars grammatica.***

***Marius Plotius Sacerdos, patronage and evidence on the authorship of the “first”  
ars grammatica***

Filipe Cianconi Rodrigues<sup>1</sup>, Fábio da Silva Fortes<sup>2</sup>

*Universidade Federal de Juiz de Fora (Brasil), Universidade Federal de Juiz de Fora (Brasil)*

**RESUMO**

O presente artigo se propõe a esclarecer de que forma o prefácio do livro *De Metris*, composto por Mário Plócio Sacerdote como terceiro livro de sua *ars grammatica*, traz à luz questões sobre a patronagem e sua importância para a recepção de evidências para verificar a autoria de outros dois livros. Para tanto, nos debruçamos sobre o prefácio da obra, em que Sacerdote cita o motivo que o levou a compor *De Metris*, bem como menciona o conteúdo de outros dois livros seus – os quais, a tradição apontara serem de autoria de Mário Cláudio Sacerdote. Através da leitura e análise do trecho, e nos baseando no conteúdo da obra, como um todo, levantamos a hipótese de que, devido à patronagem de Urânia, pudemos ter evidências que nos fornecem indícios de que Sacerdote seria o autor de todos os livros da trilogia.

**PALAVRAS-CHAVE:**

*Ars grammatica*. Gramática latina. Mário Plócio Sacerdote. Patronagem

**ABSTRACT**

This article aims at enlightening how the preface for the book *De Metris*, written by Marius Plotius Sacerdos as the third book of his *ars grammatica* brings questions to light about patronage and its importance to the reception of evidence to verify the authorship of two other books. For this purpose, we elaborated on the book preface, in which Sacerdos mentions the reason why he composed *De Metris* as well as he cites the subject of the other two books – which tradition says are from the authorship of *Marius Cláudio Sacerdote*. Through reading and analyzing the excerpt and being based on the *ars* content as a whole, we hypothesize that, due to Uranus patronage, we could have evidence that have given hints that Sacerdos would be the author of the trilogy of books.

**KEYWORDS:**

*Ars grammatica*. Latin Grammar. Marius Plotius Sacerdoso. Patronage.

Recebido em: 10/04/2025  
Aceito em: 20/10/2025

<sup>1</sup> E-mail: filipe.cianconi@gmail.com | ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-3947-2748>

<sup>2</sup> E-mail: fabio.fortes@ufjf.br | ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-4411-7115>

O estudo gramatical teria, segundo Suetônio, em sua obra *De Grammaticis* (II, 1), se iniciado no mundo romano após a chegada de Crates de Malos, um filósofo estoico e também gramático grego. Crates, enviado ao senado pelo rei Átalo, entre as Guerras Púnicas II e III, ficou impossibilitado de prosseguir com sua visita em Roma porque havia caído em uma cloaca aberta e quebrado sua perna. Logo, começou a oferecer aulas e exposições sobre leitura e comentários de textos poéticos – dando impulso ao que, mais tarde, seria conhecido como o estudo das *artes grammaticae*. O primeiro tratado gramatical do Ocidente de que temos notícia, a *Téchnē Grammatikē*, data do século II AEC, sendo atribuído a Dionísio da Trácia (c. 170-190AEC).

Já o tratado *De Lingua Latina*, escrito por Varrão (116 – 27 AEC), trazia estudos sobre as línguas latina e grega e foi suficiente, de acordo com Taylor (1995, p. 86-87), para estabelecer Varrão como o primeiro teórico linguístico na Antiguidade. Porém, foi Palemon (*Quintus Remmius Palaemon*), um nativo de Vicenza (*uicetinus*) e escravo liberto que se letrou ao acompanhar o filho de sua senhora à escola, tal qual foi referenciado por Suetônio em seu *De Grammaticis* (23, 1-4), que se destacou como um dos primeiros gramáticos a ensinar em Roma. Suetônio relata que Palemon cativava as pessoas ao seu redor e Smith (1867, p. 88) o relata como um dos gramáticos mais celebrados de seu tempo, obtendo um número considerável de alunos. Apesar de seu título de docente, os imperadores Tibério (14 – 37 EC) e depois Cláudio (41 – 54 EC) o julgavam como indigno de ser confiado e Palemon, inclusive, teria chamado Varrão de porco<sup>3</sup>. E embora sua obra tenha chegado a nós de forma indireta e limitada, Palemon teria sido o autor da primeira gramática para falantes nativos de latim, além de ser considerado o mestre de Quintiliano, o famoso rétor e escritor da *Institutio oratoria* (Smith, 1867, p. 88).

Posteriormente, as *artes grammaticae* viriam a ser instrumentos que fariam parte da educação romana. Embora seja difícil de se determinar, como afirma Dobson (1963, p. 97), em que período da história as escolas básicas haviam sido instituídas em Roma, Cantó (1997, p. 746) relata que, até meados do século III AEC, a educação romana se dividia em três etapas, seguindo o modelo das escolas gregas: em um primeiro momento, os alunos ficavam sob a responsabilidade de docentes – que, em sua grande maioria eram escravos de origem grega – conhecidos como *magistri ludi*<sup>4</sup> ou, ainda, replicando os termos gregos, *paedagogós*, que ensinavam os alunos a ler

<sup>3</sup> Cf. Suetônio, *De Grammaticis* (XXIII, 4): *arrogantia fuit tanta ut M. Varronem porcum appellaret.*

<sup>4</sup> Dobson (1963, p. 105) explica que a escola básica romana levava, ironicamente, o nome de *ludus* (brincadeira). As escolas de instrução mais avançada eram chamadas de *scholae*, recebendo seu nome do grego *scholé*, sendo o referente ao latim *otium*.

e escrever; já na segunda etapa da educação, os alunos ficavam sob o encargo dos *grammatici*, que ensinavam definições e regras da língua latina, bem como tinham o papel de serem críticos literários, demonstrando vícios de linguagem que deveriam ser abandonados e exemplos de composição a serem seguidos, extraídos dos textos literários de autores como Virgílio e Cícero; e a terceira etapa da educação romana ficava por conta dos *rhetores*, que se dedicavam ao ensino da retórica – etapa cuja obra de Quintiliano mencionada acima é um referencial.

Sabe-se, portanto, que estes *grammatici* exerciam seus serviços em duas esferas: ou eram críticos literários, encarregados da segunda parte da instrução didática dos jovens romanos ou eram eruditos que trabalhavam a serviço de um *patronus* (CANTÓ, 1997, p. 741). A patronagem (*patrocinium*) no mundo romano pode ser explicada, nas palavras de Biagio Conte (1994, p. 802), como uma relação de proteção entre um homem de status social superior (*patronus*) e um de uma classe social mais modesta (*cliens*). A relação estabelecida entre *patronus-cliens* previa benefícios mútuos entre ambas as partes, uma vez que o patrono oferecia proteção, apoio financeiro ou até mesmo recursos para seu cliente, que, por sua vez, oferecia lealdade, serviços e apoio político ao patrono. Deniaux (2006, p. 410) cita a patronagem como um instrumento de comunicação política, através do qual o patrono difundiria, entre as pessoas dos seus círculos sociais, comentários positivos acerca de seus clientes, dando-lhes fama e reconhecimento. Portanto, a patronagem, considerada no contexto da educação romana, fornecia aos *grammatici* não só apoio financeiro necessário, mas também meios para eles editassem ou divulgassem suas obras – o que, (in)diretamente lhes traria mais alunos. Diante disso, por fim, os nomes de seus patronos estariam associados ao prestígio da produção intelectual desses clientes. Kaster (1997, p. 212) aponta a relação de troca contínua e recíproca da patronagem como de extrema importância para a vida pessoal e profissional de um *grammaticus* daquela época.

Devido a essa estrutura de patronagem, era comum que os autores escrevessem uma dedicatória no início de seus tratados, direcionada àqueles que contribuíram de forma direta ou solicitaram a composição de tais. Janson (1964, p. 7) afirma que estas dedicatórias poderiam descrever três situações: i) o autor elogiaria a própria obra, pelo conteúdo que estava escrevendo; ii) o autor endereçaria a obra a um leitor em específico, a quem a obra é dedicada, ou aos leitores, no geral; e iii) o autor fazia uma breve apresentação de si ao público. Tais fatos, como descreve Rodrigues (2020, p. 36), demonstravam como as relações sociais dos gramáticos acontecia, uma vez que as dedicatórias presentes nas obras não eram compostas fora de propósito e traziam informações importantes sobre o contexto em que aqueles tratados foram escritos. É o caso do

gramático chamado Mário Plócio Sacerdote, que ensinava em Roma, em meados do século III, sobre o qual falaremos agora.

Pouco se sabe sobre a vida de Sacerdote (*Marius Plotius Sacerdos*), salvo que foi um gramático que viveu em Roma no século III e ficou conhecido, sobretudo, por sua *ars grammatica* – devido às informações que compõem a breve dedicatória com a qual ele inicia seu tratado sobre métrica, o *De Metris*. *De Metris* é o terceiro livro de uma trilogia escrita pelo autor, iniciado com um prefácio dedicatório, que exemplifica o contexto social entre um cliente e seus patronos. Holtz (2010[1981], p. 77) e Hovdhaugen (1995, p. 115) registram a obra de Sacerdote como a primeira – ou mais antiga – *ars grammatica* latina remanescente quase que em sua totalidade, embora, como tratamos anteriormente, o título de primeiro gramático romano seja de Palemon. Seguindo a ordenação presente em Keil (1974, p. 427-526), Rodrigues (2020, p. 39-40) reproduz a divisão da obra de Sacerdote da seguinte forma: o primeiro livro, que chegou fragmentado a nós, ocupa-se das partes da oração (*partes orationis*) e dos vícios e virtudes da escrita (*uitia uirtutesque*); o segundo livro trata do estudo das regras dos nomes e dos verbos latinos, com enfoque em suas desinências; e o terceiro e último livro é dedicado à descrição e estudo da métrica – chamado de *De Metris*.

Uma esquematização da divisão da obra pode ser encontrada abaixo, seguindo as tabelas de Rodrigues (2020, p. 44), sendo somente acrescidas as informações sobre as edições de Putschius (1605) e Gaisford (1837) na tabela referente ao livro sobre a métrica.

**Tabela 1 - LIBER PRIMVS**  
***LIBER PRIMVS***

(KEIL, GL 6. P. 427 – 470; EICHENFELD & ENDLICHER, AG, p. 1-46)

-----<sup>5</sup>

*de praepositione* (da preposição);  
*de uerbo* (do verbo);  
*de coniugationibus* (das conjugações);  
*de declinatione* (da declinação);  
*de aduerbio* (do advérbio);  
*de participio* (do particípio);  
*de coniunctione* (da conjunção);  
*de interjectione* (da interjeição);  
*de septimo casu* (do sétimo caso);  
*de soloecismo* (do solecismo);  
*de barbarismo* (do barbarismo);

<sup>5</sup> Como a obra nos chegou incompleta, os tracejados indicam o conteúdo que não tivemos acesso. Antes de tratar das preposições, Sacerdote fala das desinências dos nomes e suas relações. Com base nas estruturas das gramáticas antigas e na parte final do texto que nos chegou fragmentado, subentende-se que os tópicos perdidos tenham sido sobre os substantivos e os pronomes.

---

*de metaplasmis uel figuris* (dos metaplasmos ou figuras);  
*de ceteris uitiis* (dos demais vícios);  
*de schematibus* (das figuras retóricas);  
*de tropis* (dos tropos).

---

**Fonte: Rodrigues (2020, p. 44)**

**Tabela 2 - LIBER SECUNDVS**

***LIBER SECUNDVS***

(KEIL, GL 6. p. 471 – 495; EICHENFELD & ENDLICHER, AG, p. 48-74)

---

*de nominibus*<sup>6</sup> (dos nomes) ;  
*de uerbis* (dos verbos);

**Fonte: Rodrigues (2020, p. 44)**

**Tabela 3 - LIBER TERTIVS**

***LIBER TERTIVS***

(KEIL, GL 6. p. 496 – 546; GAISFORD, p. 242-301; PUTSCHIUS, p. 2625-2664)

---

*de pedibus* (dos pés);  
*de metris* (dos metros);  
*de dactylico metro* (do metro dactílico);  
*de iambico metro et eius speciebus XXIII* (do metro iâmbico e suas 23 espécies);  
*de metro trochaico et eius speciebus XI* (do metro trocaico e suas 11 espécies);  
*de metro anapaestico et eius speciebus XIII* (do metro anapéstico e suas 13 espécies);  
*de choriambico metro et eius speciebus XVI*<sup>7</sup> (do metro choriâmbico e suas 16 espécies);  
*de antispastico metro et eius speciebus X* (do metro antispástico e suas 10 espécies);  
*de ionico metro et eius speciebus X* (do metro jônico e suas 10 espécies);  
*de paeonico metro et eius speciebus quattuor* (do metro peônico e suas quatro espécies);  
*De Metris compositis* (das composições dos metros);  
*de asynartetis metris*<sup>8</sup> (dos metros asinartetos).

**Fonte: Rodrigues (2020, p. 44 – com acréscimos nossos)**

No entanto, há discussões sobre a autoria dos dois primeiros livros pertencerem ou não a Mário Plócio Sacerdote. O único livro, cuja autoria não gera nenhum tipo de discussão é o terceiro, no qual o autor trata sobre a métrica. Law (1987, p. 25) relata que os dois primeiros livros da *ars*

---

<sup>6</sup> Diferentemente do tópico *de uerbis*, a primeira parte deste segundo livro não possui uma introdução, o que nos leva a pensar que a parte sobre os nomes tenha chegado, de certa forma, fragmentada para nós também.

<sup>7</sup> A edição de Gaisford (1837, p. 285) traz *eius speciebus XXI*, ao invés de *eius speciebus XVI*, como mostra a edição de Keil, seguida por Rodrigues para realizar a tabela.

<sup>8</sup> A edição de Gaisford (1837, p. 300) não considera *de asynartetis metris* como um tópico à parte.

*grammatica* atribuída a Sacerdote foram transmitidos em um mesmo manuscrito (*Biblioteca Nazionale di Napoli, lat. 2*). Já o terceiro livro teria chegado a nós por um manuscrito diferente. Segundo Rodrigues,

o texto do tratado grammatical editado por Eichenfeld & Endlicher (1837) traz os dois livros encontrados no primeiro manuscrito sob o nome de *Marius Claudius Sacerdos*. Algumas décadas mais tarde, a edição de Keil (1874) trazia, adicionado a estes dois, o terceiro livro, transmitido em outro manuscrito e intitulado *De Metris*, sob a autoria de *Marius Plotius Sacerdos* – ainda que a edição crítica proposta por Keil sinalizasse, juntamente com o nome de Mário Plócio nos dois primeiros livros, também o de Mário Cláudio como autor – *MARII PLOTII [M. CLAVDII] SACERDOTIS*. (RODRIGUES, 2020, p. 40)

Assim, a *Analecta Grammatica*, proposta por Eichenfeld & Endlicher (1837) traz *Marius Claudius Sacerdos* como autor dos dois primeiros livros da *ars grammatica*, sem apresentar em conjunto o livro *De Metris*. Law (1987, p. 26) diz haver certa dificuldade em rastrear as citações atribuídas a Mário Cláudio, uma vez que são todas sobre o *nomen* – a parte da oração que se encontraria nos trechos que não chegaram até nós, geralmente no início das *artes grammaticae*. Três décadas mais tarde, em uma edição proposta por Keil (1874), os dois livros, antes atribuídos a Mário Cláudio, vieram reunidos ao livro *De Metris*, de autoria de Mário Plócio Sacerdote – ainda que o nome de Mário Cláudio viesse entre colchetes, indicando a dubiedade sobre a autoria do texto. Em *Grammaticae Latinae Auctores Antiqui*, editado por Putschius e datado de 1605<sup>9</sup>, somente o livro *De Metris* é atribuído a Sacerdote, a partir de manuscritos que pertenceram a Andreas Schottus e Joannes Wouwer. O mesmo acontece em *Scriptores Latini Rei Metricae*, editado por Thomas Gaisford, datado de 1837, no qual somente o livro *De Metris* está registrado sob a autoria de *Sacerdos*.

A dúvida que se gera sobre a autoria destes dois primeiros livros que, eventualmente, compõem a trilogia da *ars grammatica* atribuída a Sacerdote é o fato de o autor, em seu *Liber De Metris*, escrever um prefácio que desempenha o papel de uma dedicatória – característica dos contextos sociais e das relações que se estabeleciam entre patrono e cliente. Vejamos como Sacerdote inicia o terceiro livro de sua obra, o *De Metris*:

Mário Plócio Sacerdote, ensinando em Roma, compus sobre métrica.

Quando o ilustríssimo Urânio descobriu que eu havia tratado sobre os preceitos da arte

<sup>9</sup> O *Dictionary of Greek and Roman Biography and Mythology*, volume III, registra esta como a primeira publicação do *Liber De Metris*, de Mário Plócio Sacerdote.

gramática em um primeiro livro e este não o desagradou, seja porque a obra não fora composta de forma ruim, seja porque fora escrita para seu filho, o ilustríssimo Gaiano, meu companheiro de quase toda a vida e ligado a mim pelos hábitos, [Urânia] compeliu, para além disso, que eu escrevesse, brevemente, sobre a regularidade dos nomes e dos verbos, bem como sobre as construções a serem tratadas e suas estruturas. E, contente com as ordens de tão exímio homem, creio ter obedecido em um segundo livro, de forma clara. (GL. 6. 496, tradução nossa)<sup>10</sup>

A dedicatória presente no início do livro *De Metris* serve como uma evidência de que havia um docente em Roma chamado Mário Plócio Sacerdote e que fora composto por ele um tratado sobre a métrica latina, bem como escrevera dois outros livros, um sobre os preceitos da arte gramática (*de institutis artis grammaticae*) e outro sobre a regularidade dos nomes e dos verbos e suas composições e estruturas (*de ratione nominum uerborumque et de compositionibus srtucturarum*). Se analisarmos os dois primeiros livros, os quais vieram juntos em um mesmo manuscrito, como relatou Law (1987, p. 25), poderemos conferir que as descrições que Sacerdote fornece em sua dedicatória condizem com os conteúdos dos tratados tomados como livros I e II da obra do *grammaticus*: um primeiro livro, dedicado aos preceitos da gramática, descrevendo as partes da oração e os exemplos de figuras de linguagem e maneiras corretas ou viciosas de se escrever; e um segundo livro, que trata das estruturas de composição dos verbos e dos nomes latinos.

O excerto, tratado anteriormente, traz à tona, segundo Rodrigues (2020, p. 42), como a relação entre Gaiano – filho de Urânia – e Sacerdote foi essencial para a troca recíproca entre as partes, como resultado da patronagem. Ao escrever e dedicar um tratado a Gaiano, quem Sacerdote diz ser seu amigo, o *grammaticus* teve o reconhecimento de um homem da ordem senatorial (*uir clarissimus*), seja porque seu trabalho foi, na opinião de Urânia, escrito coerentemente ou mesmo porque ele teria sido dedicado ao seu próprio filho. Tal reconhecimento lhe concedeu confiança por parte de Urânia, este *uir clarissimus* que, posteriormente, solicitou a composição de um segundo livro a Sacerdote. Não se sabe, no entanto, se a intenção de Sacerdote ao compor o primeiro livro e dedicá-lo a Gaiano foi

<sup>10</sup> Cf. o original: *Marius Plotius Sacerdos composui Romae docens De Metris.*

*cum de institutis artis grammaticae primo libro me tractauisse comperisset uir clarissimus Vranius, nec ei displicuisset, uel quod non absurde compositus, uel quod ad eius filium uirum clarissimum mihi contubernalem et aetate paene studiisque coniunctum Gaianum scriptus esset, compulit ut etiam de nominum uerborumque ratione nec non etiam de structurarum compositionibus exprimendis breuiter laborarem. cuius praestantissimi uiri iussionibus libens arbitror libro secundo nos explicabiliter oboedisse.*

simplesmente homenagear seu amigo ou chamar a atenção de seu pai – uma vez que este pertencia a uma ordem social superior à sua e, uma vez inserido no meio certo, ele conseguiria a atenção necessária para demonstrar suas habilidades como escritor de uma *ars grammatica*. Independentemente, o trecho citado revela como a patronagem de Urânia foi fundamental para o reconhecimento e desenvolvimento de Sacerdote como um gramático, cuja produção foi transmitida como testemunho da tradição gramatical.

Porém, a fragmentação do tratado gramatical que chegou até nós, conceituado como pertencente à autoria de Mário Plócio Sacerdote (Keil, G.L., 1874), torna complexo, segundo Rodrigues (2020, p. 41), dizer que o gramático seria o autor de todos os três livros, uma vez que uma possível introdução dedicatória no primeiro livro – julgando-se ter sido, de fato, encomendado e/ou dedicado a Gaiano, filho de Urânia – poderia ser a comprovação de que, com efeito, o primeiro livro da *ars grammatica* pertencesse a Mário Plócio Sacerdote. Rodrigues (2020, p. 41), por sua vez, adiciona:

Ainda que a introdução do primeiro livro não tenha chegado até nós [...], temos como evidência para a hipótese de que a obra seria de autoria de Mário Plócio Sacerdote as linhas finais como que o autor encerra seu primeiro livro, quando diz que ‘até este ponto compusemos os preceitos das artes gramaticais. Falaremos mais tarde, porém, sobre as regras gerais dos nomes e dos verbos’ (GL 6. 470). (RODRIGUES, 2020, p. 41)

Porém, as evidências não parecem ser suficientes para afirmar, com devida certeza, que Sacerdote teria escrito os outros dois livros. Quanto ao segundo livro da obra, conforme vimos na citação acima, Sacerdote, ao terminar seu primeiro livro, diz que “falaremos mais tarde, porém, sobre as regras gerais dos nomes e dos verbos” [*de catholicis uero nominum atque uerborum latius exponemus*]. Sinalizado por Keil (1874), Rodrigues (2020, p. 45) retoma a semelhança entre o texto julgado como pertencente à Sacerdote e um outro tratado gramatical, amplamente atribuído a Marcos Valério Probo (c. 20/30 – 105 EC) – gramático conhecido pelo seu *Appendix Probi*, no qual o autor tratava do uso dos casos latinos, bem como das regras de ortografia das palavras. Eventualmente, há uma versão do *de catholicis nominum atque uerborum*, que seria o texto do segundo livro atribuído a Sacerdote, praticamente idêntica a um texto transmitido sob a autoria do gramático Probo, com o título de *Catholica*<sup>11</sup>.

Continuando o prefácio dedicatório de seu terceiro livro, Sacerdote, quanto à composição

<sup>11</sup> O texto se encontra no quarto volume da edição *Grammatici Latini*, de Keil (GL 4. 6-43).

de seu *De Metris*, diz que

agora, neste terceiro, ou mais recente, livro das artes, encomendado por aquele ilustríssimo homem para vós, os importantíssimos Máximo – dotado com o esplendor da nobreza – e Simplício – louvável com toda a honra –, de quem e para quem os tratados sérios sobre as Letras devem ser cultivados, uma vez que julgaram digno solicitar, e declararam, com efeito, estar em meu poder tratar sobre a métrica, considerei que fosse composto [este livro] de forma breve (GL 6. 496-497, tradução nossa)<sup>12</sup>

Neste excerto, Sacerdote realça a participação de Urânio, pai de seu amigo Gaiano, cuja importância para a composição do terceiro livro é notável. Urânio já havia confiado nas habilidades de Sacerdote ao pedir que o *grammaticus* compusesse um livro sobre a regularidade dos nomes e dos verbos (o segundo livro da trilogia de Sacerdote) e assim, havia encomendado um terceiro livro, dedicado a dois outros homens da ordem senatorial<sup>13</sup> (*uiri amplissimi*): Máximo e Simplício. Na edição de Putschius (1605, p. 2625), o título da página do manuscrito já indica a quem o *Liber De Metris* seria dedicado, como vemos em “*MARII PLOTII AD MAXIMVM ET SIMPLICIVM CL. V. V. De Metris Liber*”. A abreviação CL. V. V. poderia se referir a *clarissimum uiri*, indicando os ilustríssimos Máximo e Simplício.

Nestas dedicatórias, como afirma Janson (1964, p. 120), a escolha lexical é utilizada para realçar as relações sociais entre os patronos e seus clientes. Em *De Metris*, o uso de termos como *compulit* (*compello*, compelir; obrigar; impelir), *iussionibus* (ablativo plural de *iussio*, ação de ordenar; ordem; mandado), *oboedisse* (*oboedio*, obedecer, ser obediente a...) indicam certo tom de autoridade por meio daquele que solicitou o trabalho e de obediência por parte do cliente, o qual realizou a composição da obra como havia sido acordado. Ao usar os tratamentos *clarissimus*, *praestantissimus*, *amplissimus*, todos com o sentido de “exímio, ilustre, importante, eminent” e ligados a posições do senado romano, Sacerdote elabora uma escada, na qual estes homens estão degraus acima – e por isso são dignos de solicitar algo ou o julgam com a capacidade de escrever sobre determinado assunto.

Assim, podemos reiterar que a amizade de Sacerdote com Gaiano o teria proporcionado

<sup>12</sup> Cf. o original: *nunc in hoc siue tertio siue nouissimo artium libro, ab eodem summo uiro commendatus uobis uiris amplissimis, nobilitatis splendore praedito Maximo et omni laude praedicabili Simplicio, quorum et ad quos seria non nisi de litteris exercentur, quoniam iubere dignati estis, me posse etiam De Metris tractare iudicastis, breuiter esse componendum decreui.*

<sup>13</sup> Cícero, em *De Prouinciis Consularibus* (II, X) cita a *ordo amplissimus* e Luca Grillo (2015, p. 207), em nota, diz que o termo *amplitudo* possui uma conotação política que indica a distinção e eminência das pessoas na vida pública, logo, a *ordo amplissimus* seria o Senado.

uma oportunidade de desenvolver uma série de relações que teriam permitido o *grammaticus* aumentar seu número de patronos, bem como ser reconhecido como um autor de uma *ars grammatica* latino (RODRIGUES, 2020, p. 43). A fama e o reconhecimento de Sacerdote, alcançados através da composição de tais livros, renderam a ele o papel de primeiro gramático, cuja obra chegou em quase sua totalidade até nós – mesmo depois de dois milênios após sua composição.

Embora a questão da autoria de Sacerdote sobre os três livros de sua *ars* não esteja totalmente esclarecida, devido à falta de comprovação material (como uma possível introdução ao primeiro livro, dedicado a Gaiano), há indícios na tradição manuscrita que nos permitem atribuir a Mário Plócio a composição de tais livros – antes atribuídos a Mário Cláudio Sacerdote. As linhas finais de seu primeiro tratado<sup>14</sup>, como já dissemos anteriormente, auxiliam no encaixe deste quebra-cabeça, uma vez que o assunto condiz com a descrição feita na introdução do *De Metris*<sup>15</sup>. Este terceiro livro, por sua vez, cumpre um papel importantíssimo ao descrever, através da dedicatória a Urânio, o conteúdo já tratado por Sacerdote nos livros antecessores, coincidindo com o material encontrado nos outros manuscritos.

Ao apoiar Sacerdote, Urânio teve seu nome permanentemente ligado à produção do *grammaticus*, ajudando na preservação e disseminação do conhecimento linguístico recorrente daquela época. A patronagem, portanto, colaborou para que a *ars grammatica* de Sacerdote, bem como seu próprio nome, perdurasse no tempo – sendo um fator decisivo para a preservação e circulação de obras como a de Mário Plócio. Além disso, o patrocínio, no caso do nosso autor, ajudou a elucidar um dos empasses que a transmissão de obras antigas enfrenta: a dubiedade quanto à autoria de textos. Sem o auxílio de Urânio, como patrono de Sacerdote, o *grammaticus* possivelmente não teria escrito uma dedicatória da forma como o fez, relatando os conteúdos dos demais livros. Assim, a patronagem não apenas assegurou a circulação e a conservação da *ars grammatica* de Mário Plócio Sacerdote, como também garantiu que sua obra pudesse se tornar uma peça relevante para a tradição filológica latina, perpetuando seu valor através dos séculos.

<sup>14</sup> Cf. GL 6. 470

<sup>15</sup> Cf. GL. 6. 496

## Referências

BIAGIO CONTE, Gian. *Latin literature: a history*. Translated by Joseph B. Solodow. Revised by Don Fowler and Glenn W. Most. Baltimore and London: John Hopkins University Press, 1994.

CANTÓ, Josefa. Los grammatici: críticos literários, eruditos y comentaristas. In.: CODOÑER, Carmn (ed.). *Historia de la literatura latina*. Catedra, 1997, p. 741-753.

CICERO. *De Prouinciis Consularibus*. In.: Goldberg, Sander M. (eds). *Cicero's De Provinciis Consularibus Oratio*. Oxford University Press, 2015.

CICERO. *The speeches of Cicero*. With an English translation by R. Gardner, M.C, M.A. The Loeb Classical Library. Harvard University Press, 1964.

DENIAUX, Elizabeth. Patronage. Translated by Robert Morstein-Marx and Robert Martz. In.: ROSENSTEIN, Nathan; MORSTEIN-MARX, Robert. *A companion to the Roman Republic*. Blackwell Publishing, 2006.

DOBSON, J. F. *Ancient Education and its meaning to us*. Cooper Square Publishers, Inc. New York, 1963.

HOLTZ, L. *Donat et la tradition de l'enseignement grammatical. Étude sur l'Ars Donati et sa diffusion (IVe – Ixe siècle) et édition critique*. Paris, CNRS, 2010[1981].

HOVDHAUGEN, Even. Roman Ars Grammatica, including Priscian. In.: KOERNER, E. F. K; ASHER, R. E (ed.). *Concise history of the language sciences – from the Sumerians to the cognitivists*. Cambridge University Press, 1995, p. 115-118.

JANSON, Tore. *Latin prose prefaces: studies in literary conventions*. Estocolmo, Acta Uniuersitatis Stockolmensis, XIII, 1964.

KASTER, R. A. *Guardians of Language: the Grammarians and Society of Late Antiquity*. University of

California Press, 1997.

LAW, Vivien. *The insular Latin grammarians*. The Boydell Press, 1987.

RODRIGUES, Filipe Cianconi. *A Ars grammatica de Mário Plócio Sacerdote, a “primeira gramática latina”, e a tradição gramatical do século III*. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Juiz de Fora. Juiz de Fora, p. 253, 2020.

SACERDOS. *Artes Grammaticae*. In.: KEIL, Heinrich (ed.). *Grammatici Latini*, VI, 427-526. Leipzig: Taubner, 1974.

SACERDOS. *Artium Grammaticarum libri II*. In.: EICHENFELD, Iosephus ab; ENDLICHER, Stephanus (ed.). *Analecta grammatica – maximam partem anedocta*. Vindobonae, 1837, p. 1-74.

SACERDOS. In.: PUTSCHIUS, H. van (ed.). *Grammaticae Latinae Auctores Antiqui*. Hanau, 1605, p. 242-301.

SACERDOS. In.: GAISFORD, T. (ed.). *Scriptores latini rei metricae. Manuscriptorum codicum ope subinde refinxit*. Oxonii, 1837.

SMITH, W. (ed.). *A dictionary of Greek and Roman Biography and Mythology* (Vol. III). Boston: Little, Brown and Company, 1867.

SUETONIUS. *De Grammaticis et Rhetoribus*. Edited with a translation, introduction and commentary by Robert A. Kaster. Clarendon Press: Oxford, 2003.

TAYLOR, Daniel J. Classical linguistics: an overview. In.: KOERNER, E. F. K. ASHER, R. E. (ed). *Concise history of the language sciences – from the Sumerians to the cognitivists*. Cambridge University Press, 1995, p. 83-90.